JL jornal de letras, artes e ideias

Ano VIII n.º 335 | De 6 a 12 de Dezembro de 1988 | Preço 80$00 | Semanalmente, às terças-feiras | Director **José Carlos de Vasconcelos** | Director adjunto **Luís Almeida Martins**

Um conto de Mário Dionísio pág. 32

Foto colorida por João Botelho

Em primeira mão

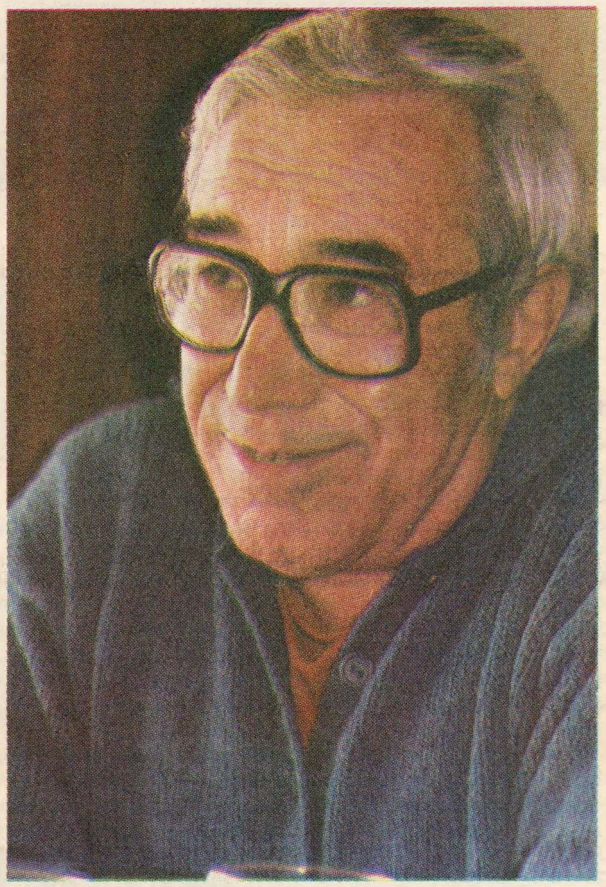
Mário de Sá-Carneiro em fotobiografia

págs. 16/18

José Cardoso Pires na República dos Corvos & outros Bichos

■ Entrevista de José Carlos de Vasconcelos

págs. 8/9



José Fonseca e Costa, um realizador que parece português

■ Entrevista de Pedro Borges

págs. 24/26

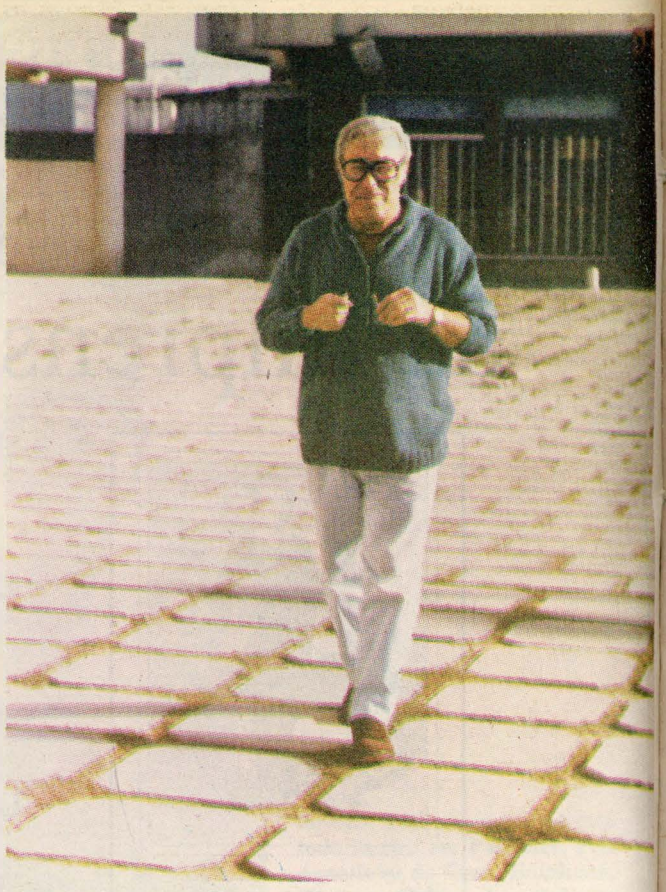
Em Lisboa, durante três dias

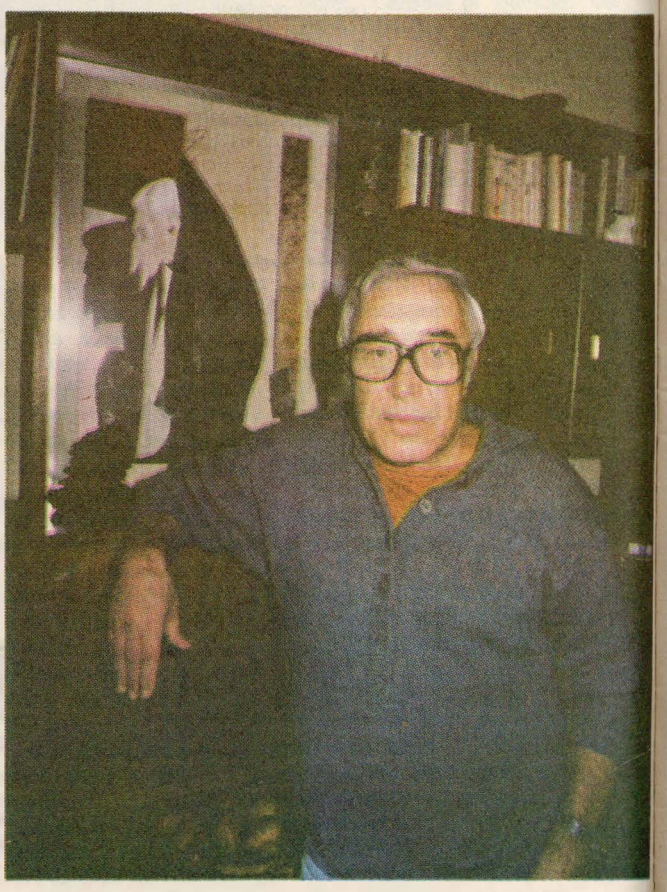
Pessoanos de todo o mundo unidos!

págs. 6/7

Um ano depois de «Alexandra Alpha», a surpresa de um novo livro de um grande escritor que há duas décadas e meia não publicava duas obras novas, e tão diferentes entre si, com tão pouco intervalo. Aqui se faz uma breve incursão com

José Cardoso Pires, na República dos Corvos e outros bichos





José Carlos de Vasconcelos

«São Vicente, para ser São Vicente e entrar na história como entrou, teve necessidade de dois corvos para o acompanhar que, por sinal, lhe foram sempre fiéis até hoje. Ora, duma ave como esta, tão convivente e tão enigmática, conta-se muita coisa. A própria Enciclopédia Portuguesa e Brasileira, depois de muitos rodeios, afirma que o corvo é velhaco e ladrão, e isto, bem entendido, com a devida consideração pela agudeza e pela independência no trato que toda a gente lhe reconhece. Caguei para a Enciclopédia, diz o Corvo. E para comprovar alça a cauda e, zás, despede um esguicho de caca esbranquiçada. Caca esbranquiçada numa criatura tão negra é que ninguém esperava.»

Assim começa «A República dos Corvos», primeira história do livro do mesmo título, ontem, segunda-feira, lançado com a chancela das Publicações Dom Quixote. Autor José Cardoso Pires, cuja obra de ficção está cheia de referências a bichos. Recorde-se só, ao nível dos últimos títulos, a «Balada da Praia dos Cães», talvez o seu maior êxito de sempre, «O Burro em Pé» e «O Dinossauro Excelentíssimo». Recorde-se ainda, para citar só duas obras capitais, a sardanista de «O Delfim», (e num dos textos deste novo livro aparecem outros cães seus parentes), ou o lagarto Lizardo da «Balada».

«A minha relação com os animais sempre foi difícil — diz-me José Cardoso Pires. **Aliás, atribuo quase tudo o que há de negativo no homem à sua faceta animal. O lado animal do homem repugna-me, incomoda-me. Por outro lado, o animal é uma espécie de caricatura do homem.»**

Confessa, no entanto, que vê todos os filmes que pode sobre bichos e não perde as matérias que se lhes referem por exemplo no **National Geographic Magazine. «Mas tenho pouca paciência para eles. É assim um gosto medieval, muito exterior, talvez pouco sincero, algo primário.»**

Ou seja: a sua posição está de certo modo nos antípodas da do Miguel Torga dos «Bichos», e não tem nada a ver também com a do Aquilino Ribeiro, autor de um conto como «A Pele de Bombo», que J. C. P. considera **«um dos melhores contos, se não o melhor, da literatura portuguesa». «Eu nunca seria capaz** — acrescenta — **de ter com um cavalo um tipo de relação que me permitisse escrever um conto como esse.»**

Em matéria de animais, os preferidos de José Cardoso Pires são os gatos — como o tradutor de T. S. Elliot de «Lulu», um dos contos deste novo livro: **«O único bicho que tive em casa até hoje foi um gato. Agora não tenho, porque a Edite não deixa...»**

É uma conversa informal, ao almoço, Edite, a mulher, sorri, um sorriso bondoso e paciente. Edite, **«Esquilo»**, nome, ainda de bicho, que lhe chamou, de passagem, há muitos, muitos anos, Júlio Pomar, e que J. C. P. adoptou para assim a passar a tratar — carinhosamente, ou **ternurentamente**, parecendo que não, pois de seu natural ou (às vezes) por atitude, como dele diz um outro escritor, **«tem sempre o ar de quem está zangado».**

Um «bestiário» ao contrário

Bom, mas além dos gatos — e dos esquilos, claro... — os corvos, agora, com República, não serão também animais de sua predilecção? **«E do Poe, não se esqueça** — respondeme. **E do Homero também. A mim o que me seduz no corvo é o seu individualismo, a sua inteligência maligna, e a coragem.»**

Aliás, quando há anos pensávamos numa editora, o Zé — assim, sem mais, o chamam a mulher, as filhas, a generalidade dos amigos mais íntimos — avançou um nome: **Os Livros do Corvo.** Ou semelhante: sei que metia corvo ou corvos. (Há muitos anos criou a colecção «As Três Abelhas». E o primeiro jornal em que escreveu, no liceu, chamava-se «O pinguim».) Como, recordo também, já no «Burro-em-Pé» o escritor se interessou por um corvo de taberneiro como este que, com sua caca esbranquiçada, abre as páginas do seu novo título.

«Mas eu aqui — sublinha — **quis ir mais longe e fiz dele, corvo de taberneiro, um sujeito cem por cento da cidade e da imagem mitológica de Lisboa. Lisboa é, afinal, a República dos Corvos. Uma cidade que passa a vida a criticar as caravelas dos mitos mas que acaba sempre por embarcar nelas, embalando os mortos lendários.»**

Corvo de taberneiro **(«taberneiro por convivência com o dono, conhece todas as velhacarias do vinho e como, ainda por cima, é ateu praticante, a conversa de Santo Vicente e dos corvos de Lisboa fá-lo virar as costas enojado»)**, corvo de taberneiro que se transforma em Corvo Taberneiro...

Há aqui, acentua o autor, uma espécie de **«reversibilidade homem/animal»**; e o que ele quis fazer foi «um bestiário ao contrário», e divertido. O que é então para si, J. C. P., 63 anos, escritor profissional, profissional a sério, este livro?

— A descrição duma paisagem cultural povoada de animais secretos que circulam dentro do homem corrente. O dinossauro, por exemplo, o dinossauro ou tyranosaurus que ainda hoje dorme no fundo de certos mostrengos históricos como Komeini ou Pinochet. Os cães da erudição — outro exemplar do bestiário contemporâneo. Face à explosão do mundo contemporâneo os clássicos das academias fecham-se *numa cegueira iluminada* conduzida por cães cegos.

— Mas os cães deste livro, em «Os Passos Perdidos — Informe sobre um Congresso», não são cegos...

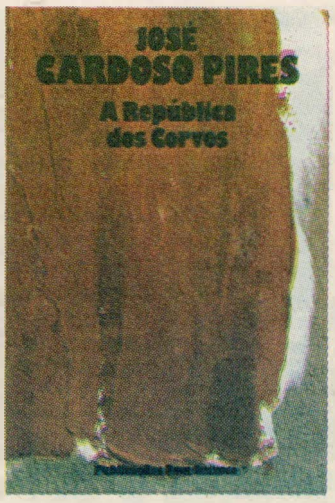
— De acordo, os cães que conduzem os cegos da Assembleia dos Passos Perdidos não estão cegos, por enquanto mas caminham para a cegueira. Quando este texto apareceu o ano passado no «Le Monde» o ilustrador apercebeu-se perfeitamente disso e pôs óculos negros não apenas nas personagens dos cegos eruditos como nos cães que os conduziam. De resto, essa correspondência passa-se também com outras personagens. Lulu, a esposa solitária, é — ou pelo menos pretende ser — uma imagem reflexa do cão que lhe faz companhia. Este tipo de identificação repete-se mais adiante com os insectos kafkianos e o profeta judeu refugiado na mina de volfrâmio.

— Há, de facto, alusões literárias directas ou subtis em alguns dos textos deste seu novo livro. A T. S. Elliot, por exemplo, naquele texto (Lulu) em que exactamente se refere também o seu recente «Alexandra Alpha».

— Sim, eu gostaria que o Elliot fosse descoberto nesse trecho como um figurante do drama da esposa solitária, ou da esposa de guerra como eu lhe chamo. A ideia ocorreu-me quando li as excepcionais traduções de José Palla e Carmo na Antologia de T. S. Elliot publicada há dois anos. No entanto em «A República dos Corvos» há outras alusões literárias muitíssimo menos directas como aquela do padra António Vieira a pregar às piranhas.

Histórias na cabeça

Estou, pois, à conversa com o meu amigo José Cardoso Pires, num espantoso dia de sol de Novembro, fim de Novembro, numa Costa de Caparica quase deserta, sempre com seu capote do mar: Para trás já ficou o tinto Sogrape 1980 — além do seu wiskhie: J. C. P., homem de pouca comida, só bebe vinho tinto, mesmo com peixe, o que não «intimida» este repórter — caminhamos ao sol, gostosamente, para o seu pequeno apartamento, um sexto andar em frente ao mar que se vê até lá muito, muito longe.



«A mim o que me seduz no corvo é o seu individualismo, a sua inteligência maligna, e a coragem»

Em primeiro plano, desde o quarteirão junto aos Bombeiros até à Fonte da Telha, a anarquia urbanística, as casas e os casinhotos de todas as espécies, legais ou clandestinos. Agarrado à rabiça, J. C. P. escreve horas e horas a fio, durante dias, durante anos, naquela mesa tábua grossa encostada (adaptada) à pequena varanda fechada do T-1 simples e com poucos livros, a que a foto ampliada dos quatro tios da América (reproduzido logo no n.º 1 do **JL**, com a excelente entrevista que o Assis Pacheco então lhe fez) os originais das ilustrações de Pomar para «O Burro em Pé», dão um toque diferente.

As casas e os casinhotos têm uma vantagem: não tiram a vista ao escritor, embora este, enquanto escreve, enquanto pen-

sa, com o aparo da caneta **«cada vez com mais dificuldade»**, só tenha olhos para o seu trabalho: **«Antes isto do que construir aí umas torres de pato bravo à frente»** — diz J. C. P., que um dia, viu sair de um casino clandestino, ali nas imediações, um tipo, que apanhara um tiro, segurando as tripas...

Em cima da mesa tábua de trabalho está, ainda «quente», um dos primeiros exemplares de «A República dos Corvos», que o J. C. P. me dá: das provas, que me chegaram às mãos pouco antes, só pude fazer uma leitura muito em diagonal, que deu apenas, um pouco mais, para me «deliciar», aqui e ali, ao acaso, com a depuração, o rigor, a imaginação contida e a arteincríveis da sua prosa.

(Para compartilhar com o leitor, como se impõe, aquele prazer, ficam mais em baixo as três páginas finais do já referido conto, que abre o livro. E vejam mais, para aguçar o apetite, este princípio de outro, intitulado «Ascensão e queda dos porcovoadores»:

«Um juiz aposentado, que nesse outono se encontrava em tratamento de águas numas termas, frente ao mar, viu passar no horizonte do pôr do sol um bando de porcos voadores. Um juiz no outono é sempre muito prevenido e, se estiver aposentado, pior. Este foi ao quarto buscar um binóculo e sentou-se à espera do pôr do sol do outro dia.»)

Leitura aquela que não dava para grandes divagações ou grandes perguntas — que as mais das vezes são uma chatice —, aliás fora dos objectivos de uma rápida e apressada matéria jornalística como esta fundamentalmente informativa sobre um novo livro algo inesperado; fica ainda para outra vez o que um dia gostaria de fazer com José Cardoso Pires.

Vamos, pois, a outros aspectos de um livro também diferente para J. C. P. pela rapidez com que o concluiu e entregou o original ao editor; e, mais ainda, pelo facto de, entregue o original, ter ido à vida — Brasil, França — e andando por lá um mês e meio sem sequer ter revisto quaisquer provas. **«Foi a primeira vez que isto aconteceu»**, sublinha. E, quem o conhece bem, como o redactor destas linhas, acrescenta mesmo que nunca pensou que isso pudesse alguma vez acontecer! Como não pensou — quando jantámos a última vez juntos, em meados de Setembro, e a Edite, dactilógrafa habitual dos seus livros, me disse que só ainda passara à máquina um dos contos — como nunca pensou, dizia, que «A República dos Corvos» estivesse agora aí pronto para ir para as livrarias. Está. Que raio de milagre foi este?

«É verdade que sou um escritor bissexto, publico distanciadamente. Mas há muito tempo que eu tinha na cabeça estas histórias e por isso foi-me muito mais fácil escrever. Não houve, assim, aquele período de paragem, após acabar o livro anterior, em que, como sempre me acontece, fico vazio com a sensação que não tenho mais nada para dizer.»

Também não houve, claro, aquelas versões sucessivas, uma, duas, três, a última às vezes muito diferente das anteriores, escreve, emenda, rasga, volta a escrever, a emendar, depois a passagem à máquina, a prosa assim limpa, no papel de primeira qualidade, mais emendas, na solidão de um trabalho continuado e porfiado, que nada tem a ver com a velha imagem do bebedor nocturno. Até que vai para a tipografia a versão definitiva, completamente limpa, até graficamente muito cuidada, impecável.

«Alexandra Alpha» no Brasil

As histórias, pois, estavam na cabeça há muito tempo. Histórias? Contos? Textos? Fábulas? No livro não aparece nenhuma classificação, porventura por razões comerciais. Romance, o género que o público hoje prefere, não é. E, das 220 páginas da obra, quase 90 são para o «Dinossauro Excelentíssimo», publicado em 72 pela primeira vez, como fábula, e que com esta tem a sua sétima edição, agora sem a autonomia do volume próprio. Um outro conto (fábula, texto, o que se quis), o também já referido «Os passos perdidos», fora já publicado aqui no **JL** inédito, e depois em «Le Monde». De forma que, escritos agora, mais precisamente desde que J. C. P. acabou «Alexandra Alpha», até princípios de Outubro último, foram os outros cinco textos (contos, fábulas, o que se quiser) das sete que, assim numerados, constituem o volume: dos sete, três já foram citados atrás, os outros dois chamam-se «As baratas» e «O pássaro das vozes».

Estamos, assim, muito longe da vastidão e complexidade de um romance como «Alexandra Alpha», o primeiro de toda a sua obra em que — digo-lhe com a franqueza do amigo — me parece haver coisas que poderiam lá não estar, em que fico com a sensação que poderia ter menos páginas. J. C. P. admite que se terá alargado na estrutura de ligação mas salienta, e bem, que é um escritor que gosta de escrever sobre acontecimentos e, se calhar, **«nenhum livro da literatura portuguesa tem tantos acontecimentos como»** Alexandra, **«excepto 'Peregrinação'».**

Falamos do seu último romance, de resto, por outra razão: o excelente acolhimento que teve no Brasil, onde foi lançado em Outubro, com a presença do autor, que para o efeito aí se deslocou, aproveitando depois a oportunidade para concretizar um velho sonho: ir à Amazónia. Gostou, embora não tivesse sido a aventura que pretenderia. Fica para outra vez. Mesmo assim, conta, **«estava a certa altura sentado numa pedra, a fumar, e de repente vejo um lagarto enorme, aí de um metro e meio, negro, que passa por mim nas calmas»...**

«Alexandra Alpha teve, de facto, um excepcional lançamento no Brasil — diz-me. **Quanto ao acolhimento por parte da televisão, da imprensa, do público, não é a mim que me cabe responder. Repara: esse é o meu quarto romance editxdo no Brasil e há, fora de qualquer dúvida, um interesse cada vez maior naquele país pela literatura portuguesa actual. Isso deve-se, em primeiro lugar, à mudança de imagem de Portugal no Brasil. Tal como no resto da Europa, passámos a existir depois de quarenta e muitos anos de solidão intra-muros. Mas deve-se, também, à perda do tradicional deslumbramento que os brasileiros tinham pelos Estados Unidos. A força declarada com que a Europa hoje se assume face ao mito americano tem muito a ver com tudo isto.»**

Depois do Brasil foi a França, as «Belles Étrangères», agora Lisboa e o lançamento de «A República dos Corvos»; e também, ou melhor: a Costa de Caparica, o último sol de Outono, quem sabe se o princípio de um novo romance. Mas disto de novos livros ou do trabalho que tem em mãos, J. C. P. não gosta de falar. Lembro-lhe, porém, um projecto antigo, um romance sobre «as indústrias da morte», que tinha a ver, designadamente, com a história, verdadeira e complicada, da herança de um seu tio-avô...

«Só a própria história desse livro dá um romance... Vivia ainda em Belas, foi aí por 62 ou 63. Já estava aí a meio do livro, quando abro o 'DN' e vejo a notícia de que o tipo que era uma das figuras principais do romance tinha sido morto à machadada. Então desinteressei-me, já não sei bem porquê.» ■

A seguir se publica o final do conto que dá o título ao novo livro do autor de «Balada da Praia dos Cães». É

A República dos Corvos

José Cardoso Pires

Anoitece. Horas de se ir chegando a casa. Aos pés dum monumento ficou um bêbado frustrado e mais adiante, numa sarjeta, vai ficar uma moeda de prata depositada por um Corvo Taberneiro. A vida é assim, a curiosidade tem o seu tempo e a vadiagem também. Nas estreitas ruas do regresso reina um cheiro a peixe frito e há um desfiar de televisores pelas janelas abertas, a cidade em família. Entre um candeeiro de esquina e uma montra iluminada a cores, passa uma velha conduzindo um gato de pêlo azul pela trela.

De pêlo azul? De pêlo azul nunca o Corvo tinha visto nenhum gato, mesmo que essa cor fosse apenas um reflexo de vitrina. E um gato pela trela, também não. Só faltava que a velha não tivesse vista e que, em vez de conduzir, fosse conduzida por um gato de cego.

Decididamente, nesta cidade embalada em lendas tudo é fábula de museu. Cães sem dentes, gatos azuis, como se acabou de ver, pombas corruptas, tudo. Corvos, principalmente. Lisboa é uma república de corvos, tem estórias de corvos a dar com um pau. No entanto, se formos a ver bem, o que encontramos por toda a parte é bicharada de fábula, monstros domésticos disfarçados de canários, de cachorros, de saguis e de mil animais de estimação, e corvos, propriamente corvos, nada. Estão aonde? No brasão da cidade? Conversa. Só pessoas como o sacristão das Freiras Descalças é que podem acreditar nisso de dois corvos desnaturados andarem a passear um esqueleto pelos mares da eternidade.

O Corvo Taberneiro conhece tudo isto mas nem acredita.

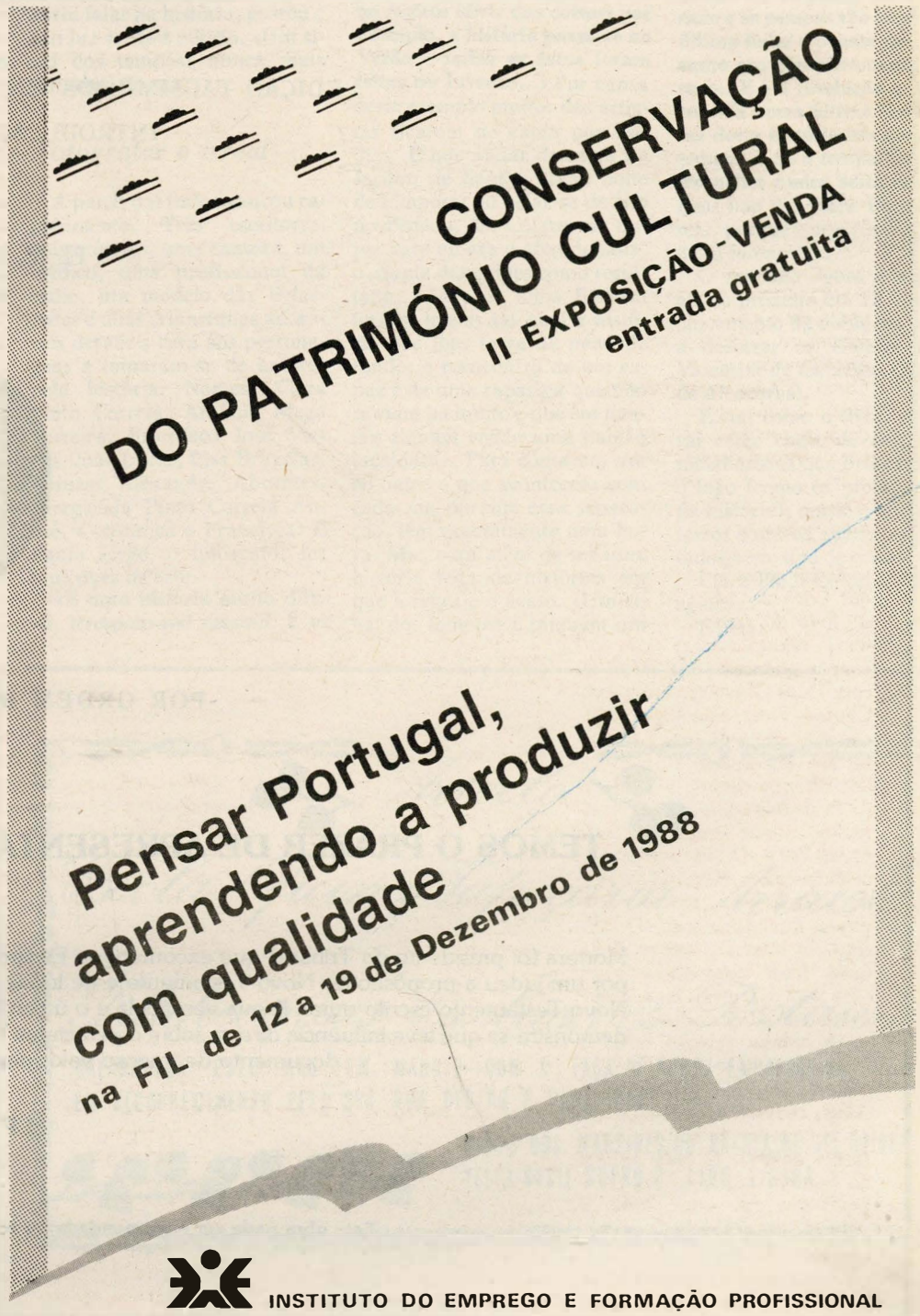
Ele, que até é lisboeta de nascimento com grasnar de reguilas e tudo, ouve o esperto de ocasião a lançar floreados deste género e segue. Como quem diz, Corvo Vicente, um seu criado, se faz obséquio, e vai mas é à merda, que eu já te topei, ó urso.

Nítido no negro declarado que lhe dera a Natureza, regressa à tasca onde tem guarida. Passa por travessas e por portas conhecidas, passa ao lago do hospital, passa a loja da galinheira mas, na loja da galinheira, alto aí, que é aquilo? Ainda há luz lá dentro e a porta está entreaberta, a galinheira a trabalhar a esta hora?

Pelo sim e pelo não, aproxima-se. E entra. E com aquele olhar repentino que lhe é habitual dá com a mulher morta no cadeirão de balouço. Morta, não há menor dúvida. O seu coração universal parou. Branca e matriarcal, está reclinada para trás e de olhos abertos como se seguisse em frente, como se continuasse a ondular ao compasso das agulhas.

O Corvo Taberneiro sacode a asa, não acredita. A sua amiga, a sua confidente, a sua vizinha, está morta no cadeirão. Tem os bigodes compridos a penderem-lhe dos cantos da boca e, assim, parece uma morsa corpulenta sentada num trono. «Morta», desata ele então a grasnar, arremessando-se de salto contra as paredes, contra o tecto, contra as aves degoladas que se alinham ao fundo da sala. Num golpe, finca as garras no alto espaldar da cadeira e desata a gritar por socorro.

Vem gente, vem polícia, vem o bairro, mas ele, Corvo, não despega. De bico afiado e a bater as asas mantém-se à cabeceira da defunta, não consentindo que ninguém lhe toque e lançando, num cracrá aflitivo, a mais íntima e pessoal de todas as suas vozes.

Dizem que ainda hoje lá está.

Fim. ■